

ESCUITA EMPÁTICA. COMO?

REFLEXÕES SOBRE DESAFIOS DO FEMINISMO

Angela Bia Roman

"Inspirada por Eliane Brum e por uma vivência de comunicação não violenta (CNV) que tive ontem, me atrevo a escrever sobre reflexões, questionamentos, angústias – coisa que faz um tempo que não faço.

Na onda do vira-voto antes do 2o turno, me propus a tentar conversar com eleitoras do Bolsonaro.

Abre parênteses. Apenas mulheres, pois homens eleitores do Bolsonaro não merecem meu tempo e atenção. Aliás, mais repugnante que um homem eleitor do Bolsonaro, apenas o próprio. Fecha parênteses.

Como a coragem não era suficiente para arriscar uma aproximação presencial, a empreitada seria pelo zap e/ou Facebook.

Aqui já começam as reflexões: porque eu tinha medo de conversar com eleitoras do Bolsonaro?

Como no meu círculo de pessoas próximas só tinha eleitoras do Boulos, Haddad e Ciro – o que é natural, pois me aproximo de pessoas que têm valores, sonhos, crenças e práticas semelhantes às minhas - comecei uma busca ativa no meu Facebook. Afinal, se tanta gente vota no Jair, deve haver alguma eleitora dele entre meus 1.070 “amigos” do Face.

Encontrei 2 (provavelmente havia outras): uma tinha sido minha amiga de infância, mas, naturalmente, nunca mais tínhamos nos falado; outra não conheço pessoalmente e é a mãe de uma amiga. A primeira, tinha o 17 na foto do perfil; a segunda, não era tão orgulhosa da escolha, apesar de estar certa dela.

Com a ex-amiga, por inbox, puxei papo sobre um vídeo que ela tinha compartilhado em que uma mulher sulista branca (infelizmente, não no estilo diva da Fernanda Lima) dizia, com muita agressividade, que tinha “nojo” de feministas. “Vocês são umas bostas. Vão acordar cedo, vão saber o que é trabalhar, vão saber o que é cuidar de uma casa, vão saber o que é trabalhar em casa e ainda buscar um extra fora de casa. Porque eu faço isso, eu trabalho em casa e ainda

trabalho fora de casa. Sabe porquê? Porque eu tenho vergonha na cara. E o meu marido ainda tem casa, comida e roupa lavada”.

Pois é. Quem me conhece, pode imaginar o que senti-pensei...

Iniciei a conversa dizendo “Fulana [usei o apelido dela de infância], eu sou feminista. O que eu faço que te dá nojo?”. Relendo agora , à luz da CNV, vejo que talvez não tenha sido o melhor jeito de começar, mas foi o que consegui... Talvez eu pudesse ter expressado meus sentimentos, compartilhando o quanto fiquei machucada com toda aquela raiva, amplificada pela raiva daquela mulher com quem eu tinha brincado tantas vezes na rua, 27 anos atrás.

Ela respondeu algumas coisas, dentre elas: “Sou a favor de direitos iguais... mas vejo feministas que se passam !!!! Por isso sou contra machismo ou feminismo, ao me ver somos todos iguais...”.

Respirando fundo, tentei avançar, trocamos mais alguns poucos sentimentos e opiniões, mas ela cortou com: “respeito vcs mas não concordo, da mesma forma peço que respeite meu ponto de vista caso também não concorde!”.

Estava decretado o fim do papo. E mais reflexões: por que mulheres têm “nojo” de outras mulheres que colocam seus corpos na luta por direitos, pela vida, pela liberdade? Por que mulheres têm “nojo” do corpo de outras mulheres?

Com a senhora mãe da minha amiga, a estratégia foi um pouco diferente. Puxei papo por inbox e também comentei alguns posts dela. O inbox ela respondeu apenas com um emoji de beijinho. Alguns comentários meus com questionamentos ficaram sem resposta; outros ela respondeu cordialmente. Ela concordava que a “homenagem que o Bolsonaro fez a esse Coronel Ustra” era “abominável”, MAS... “jamais votaria no candidato do partido que destruiu durante tantos anos o nosso país...”.

Mais inquietações: como as mulheres acham razoável e coerente votar em quem pensa e fala o abominável (e, provavelmente fará o abominável se tiver poder para isso)? Como as mulheres conseguem votar em um homem que defende e celebra os horrores da tortura?

Antes dessas duas “conversas”, eu tinha feito a minha primeira tentativa – frustrada também – que contribuiu para a melancolia e a reflexão do dia do meu aniversário: como as mulheres se sentem representadas por um homem que é uma caricatura tosca do patriarcado?

Foi assim... Em um grupo de zap relacionado ao sagrado feminino, identifiquei (com grande incômodo) o comentário de uma eleitora do Bolsonaro. Mesmo não conhecendo ela pessoalmente, puxei papo pelo zap. Nesse contato, expus um pouco do meu sentimento de preocupação em relação às fake news e perguntei onde ela tinha encontrado a informação (que ela havia colocado no grupo) de que “o PT vai acabar com a lava jato e soltar o Lula”. Ela começou a resposta assim: “Se você quiser mesmo saber é possível”. E terminou assim: “Sou empresária e gosto de dinheiro. Segundo o PT empresária é bandido e empregado não tem que trabalhar. Sou contra invasão de terra, sou contra bandido receber salário família... podia escrever o dia todo.”.

(Não! Pelo amor da Deusa, não! (rs) – penso agora, tentando achar graça.)

Eu fiz alguns questionamentos, que foram lidos, mas que ficaram sem resposta. Na verdade, não, ela não poderia escrever o dia todo...

E mais indignação: como mulheres que se envolvem e trabalham com o sagrado feminino e o empoderamento das mulheres votam no Bolsonaro?

Enfim... texto longo, porque longas são as reflexões.

Muitas perguntas... Para algumas delas, encontrei pistas de respostas no maravilhoso texto da Eliane Brum – https://brasil.elpais.com/.../21/opin.../1542809746_443796.html... – e estão relacionadas ao poder do patriarcado e ao machismo e misoginia (ódio às mulheres, inclusive entre as mulheres) que ele propaga.

Para fechar, busco algo em comum entre as 3 histórias. Acho que é o fato de que, sabendo que eu tinha algo em comum com cada uma das 3 mulheres além do fato de ser mulher (uma infância compartilhada; uma amiga que saiu do seu ventre; uma mestra e uma busca espiritual), achei que um diálogo seria possível, achei que encontraria respostas, achei, até, que seria possível o tal do vira-voto.

Não foi... E, então, mais perguntas: até onde o que temos em comum nos une? O que é preciso ter em comum com uma outra mulher para conseguir ter uma escuta empática e estabelecer uma comunicação verdadeira?"